



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ANY CAROLINE LOPES DA SILVA

**O LUTO E A CRIANÇA: UMA REVISÃO DA LITERATURA
ACERCA DESSA EXPERIÊNCIA NA INFÂNCIA**

**Brasília-DF
2022**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANY CAROLINE LOPES DA SILVA

**O LUTO E A CRIANÇA: UMA REVISÃO DA LITERATURA
ACERCA DESSA EXPERIÊNCIA NA INFÂNCIA**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga pela Universidade de Brasília.

Orientador:

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia

Brasília-DF
2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS5861 SILVA, Any Caroline Lopes da
O luto e a criança: uma revisão da literatura acerca
dessa experiência na infância / Any Caroline Lopes da SILVA;
orientador Hélio José Santos Maia. -- Brasília, 2022.
37 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2022.

1. Criança. 2. Luto. 3. Luto na infância. 4. Escola e
luto. I. Maia, Hélio José Santos, orient. II. Título.

O luto e a criança: uma revisão da literatura acerca dessa experiência na infância

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Aprovado em

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia (Orientador)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Juliana Eugênia Caixeta (Examinadora)
Faculdade UnB Planaltina – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias (Examinadora)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira (Suplente)
Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia

Dedicatória

À minha família e a cada criança que cruzou meu caminho durante esse período e que marcaram minha história de maneiras inexplicáveis.

AGRADECIMENTOS

O meu maior agradecimento se deve aos meus pais, Ana Cristina e Francimar, que sempre acreditaram em mim e me motivam todos os dias a correr atrás dos meus sonhos. Sem o apoio, os puxões de orelha, conselhos e a escuta dessas duas pessoas maravilhosas nada seria possível, eu não seria quem sou. À eles todo o meu amor e gratidão!

Ao meu namorado, William, que me ajudou durante todo esse processo.

Aos amigos que fiz na faculdade e que tornaram tudo mais fácil durante esses 4 anos. Em especial à Letícia e Daniele, que vivenciaram junto a mim toda a ansiedade e anseios relativos à construção de um TCC.

Aos excelentes professores que cruzaram meu caminho na Faculdade de Educação.

Ao professor Hélio, por toda sua ajuda durante a realização do trabalho, o que tornou tudo isso possível!

Epígrafe

*“Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e,
iguais, partiram desta vida.”*

- Harry Potter e as relíquias da morte.

RESUMO

A presente pesquisa, realizada por meio de uma revisão bibliográfica, tem por objetivo compreender como se manifesta o luto na infância, bem como promover um debate no que se refere a essa temática, trazendo como ponto a ser discutido a escola frente a crianças que vivenciam um processo de luto. Neste contexto, primeiramente foi realizada uma contextualização sobre o tema, abordando o recorte histórico acerca da morte, como a criança se relaciona com este fenômeno, a conceituação do luto na infância e o papel da escola frente a essa situação. Em seguida, foram analisadas produções acadêmicas que abordam essa temática tanto na escola, quanto na clínica psiquiátrica e na psicoterapia. Como resultado, percebemos a importância do trabalho em conjunto realizado pela família, pelo acompanhamento psicoterápico e no contexto escolar no trabalho com crianças enlutadas, além da necessidade da escola e dos professores trazerem à tona de modo mais frequente discussões acerca da morte e do luto.

Palavras-chave: criança; luto; luto na infância; escola e luto.

ABSTRACT

The present research, carried out through a bibliographic review, aims to understand how grief is manifested in childhood, as well as to promote a debate regarding this theme, bringing as a point to be discussed the school in front of children who experience a grieving process. In this context, firstly, a contextualization was carried out on the subject, addressing the historical background about death, how the child relates to this phenomenon, the conceptualization of grief in childhood and the role of the school in this situation. Then, academic productions that address this issue were analyzed both at school, in the psychiatric clinic and in psychotherapy. As a result, we realized the importance of working together by the family, by psychotherapeutic monitoring and in the school context in working with bereaved children, in addition to the need for the school and teachers to bring up discussions about death and grief more frequently.

Keywords: child; grief; childhood grief; school and grief.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1	Trabalhos da clínica psiquiátrica e da psicoterapia sobre luto e infância	24
Quadro 2	Trabalhos sobre luto e infância na escola básica	25

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

FE	Faculdade de Educação
TFC	Trabalho Final de Curso
UnB	Universidade de Brasília
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Justificativas	15
Objetivo geral	16
Objetivos específicos	16
Metodologia	16
CAPÍTULO 1 - A morte como fenômeno natural, um referencial teórico	18
1. Recorte Histórico	18
1.1 A criança frente à morte	20
1.2 Conceituação do luto na infância	22
1.3 A escola e seu papel na intervenção com crianças enlutadas	23
1.4 À guisa de uma revisão da literatura	25
CAPÍTULO 2 - Análises da produção acadêmica sobre luto e infância	27
CAPÍTULO 3 - Consolidação da pesquisa: uma discussão acerca da necessidade de falar sobre a morte no contexto educacional	31
Considerações Finais	34
Referências	35

MEMORIAL

Por mais incrível que pareça e contrariando a trajetória de vários colegas de profissão, eu nunca quis ser professora. Desde pequena sempre passou pela minha cabeça que eu poderia seguir diversos caminhos, desde cantora (o que eu nunca tive muito talento) a psicóloga, mas a docência não era uma opção. E então, em meio a tantas idas e vindas durante o período do vestibular, a Pedagogia chegou até mim de fininho, não sabia exatamente o que esperar, mas decidi me jogar nessa experiência.

Os meus primeiros semestres na Universidade de Brasília foram um misto de emoções que oscilavam desde o “isso não é pra mim...” até o “acho que me encontrei em algo!”. Tive professores excelentes que me ensinaram não somente sobre a prática em sala de aula como também sobre amor e dedicação pelo que fazem, sobre a forma como pensamos a educação e vemos o outro e sobre como impactar vidas positivamente. Muitos deles nem sabem, mas foi esse impacto positivo na minha vida e serviram de espelho para me encontrar e perceber qual tipo de professora quero ser na vida dos estudantes.

Além dos professores, as vivências que os estágios me proporcionaram durante a graduação foram incríveis. Acredito que foi o fator determinante que fez com que, oficialmente, me apaixonasse pela educação. Não tenho como objetivo romantizar essa experiência e dizer que tudo são flores, mas foram esses bons e maus momentos que me fizeram crescer e amadurecer não apenas profissionalmente, mas em diversos aspectos pessoais, que fazem com que eu seja quem sou hoje. Foi durante esse período que pude estar mais próxima da realidade, do que é ser professor na prática e, a partir de então, também analisei minha bagagem teórica e como a aplicava em sala de aula, pude ver meus pontos fortes e pontos francos e tentar mudar aquilo que estava ao meu alcance. Além disso, acredito que há coisas que só a prática pode nos ensinar, nenhum livro consegue substituir a vivência de estar em contato com pessoas, ambientes e histórias das mais distintas possíveis.

E foi durante uma dessas experiências que me vi ao encontro do que viria a se tornar o meu tema de TCC. Estagiei por um ano em uma turma de educação infantil numa escola particular da Ceilândia, Região Administrativa do Distrito Federal, e já nos meus primeiros dias de estágio uma criança começou a falar espontaneamente

sobre o seu pai que havia falecido há poucos meses. Contou-me o que havia acontecido com ele, como sentia a sua falta e sobre as lembranças de momentos bons que tiveram juntos, a única reação que tive no momento foi chorar. Chorei descontroladamente a ponto de precisar sair da sala para me recompor. A forma como ela falava dele me marcou muito, a tristeza em saber que ele não estaria mais ali com ela era visível, mas ao mesmo tempo o sorriso se abria ao falar das suas memórias com o pai. Não sabia como podia ajuda-la de alguma forma que não fosse saindo chorando da sala... Afinal, não somos preparados para momentos como esses, não há disciplinas na faculdade ou na vida que nos ensine a lidar com a morte, mas me vi numa posição de querer fazer algo que pudesse lhe ajudar, já que sabia que dias como aquele iriam se repetir, com ela ou com outras crianças.

Sinceramente ainda não sei se há uma forma certa do que fazer, como agir ou o que falar em um momento como esse, até porque não há palavras que minimizem a dor de alguém que acabou de perder um ente querido, com quem compartilhou a vida e que de uma hora para outra tiveram planos e sonhos interrompidos. Mas o intuito desse trabalho é ajudar pessoas que, assim como eu, querem ajudar de alguma forma, compreender esse processo de luto e intervir de alguma maneira, nem que seja com um abraço que acolha.

INTRODUÇÃO

O escritor Ariano Suassuna em sua obra "O Auto da Compadecida" poeticamente assim se expressa sobre a morte ao narrar a morte do personagem João Grilo: *“Cumpriu sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a Terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre”* (SUASSUNA, 2018, p. 97). Suassuna sintetiza em poucas palavras o destino inexorável de todo terrestre, a desilusão dos soberbos, ao se igualarem aos demais e a impiedosa sentença sobre todos, deixando transparecer sua percepção sobre a morte como algo sem explicação, mas, indubitável, embora frustrante.

A passagem do tempo é inflexível e a finitude da vida percebe sua ocorrência absoluta sem poder fazer muita coisa para estanca-lo e conseqüentemente estender um pouco mais a sua duração. Assim, a morte é o ponto de partida do sofrimento dos que estão vivos e se manifesta pelo luto. “Falar em luto é falar em dor e em afeto, é falar de sintomas somáticos e psíquicos, de reações e desorganizações ruidosas ou silenciosas; contudo, poucas vezes nos lembramos de que falar em luto implica falar em tempo” (MUTARELLI e SILVA, 2019, p. 25). O tempo representa a trilha na qual a vida se esvai.

Embora a implacável sentença da morte não faça distinções, a sua percepção é distinta e talvez, o grau de maturidade, o nível intelectual, os valores culturais e o contexto de cada um, encaminhem compreensões de toda ordem, desde aquelas espiritualistas que buscam o pós-vida de um espírito eterno como um consolo, àquelas de conotação materialista cuja finitude se reduz à ação final dos decompositores sobre um cadáver. Certamente essas variações de representações seja a motivação para pesquisa em grupos distintos, sobretudo em relação ao luto.

O luto representa o estado ou sentimento de perda dos entes queridos dos que estão vivos. Um sentimento multifacetado com diversos estudos, sobretudo na área da psicologia. Mas, buscar o entendimento do luto em grupos específicos pode representar uma situação sensível, como é o caso da proposta da presente pesquisa que se evidencia no seguinte problema: de que modo se manifesta o processo de luto na infância? Outras questões auxiliares que dão suporte à pesquisa, como as crianças se relacionam com esse processo? De que forma esse sentimento se materializa no

dia a dia? O que as produções acadêmicas nos trazem sobre a temática? A escola tem promovido espaços para discussões que abordem a morte/o luto com as crianças? A escola/professores pode ajudar no suporte a crianças enlutadas?

Justificativas

Uma das poucas certezas que temos na vida é a morte, querendo ou não, este é o fim de todos nós. O que se pode notar é que, apesar dessa certeza, não é algo que conversamos e compartilhamos com as nossas crianças antes que isso de fato aconteça com alguém próximo. Dessa forma, o primeiro contato com a morte é uma incógnita na infância, não apenas por ser uma fase do desenvolvimento onde este conceito ainda é abstrato, mas também pelo fato de não conversarmos sobre isso em casa e nas escolas. Por consequência, é ainda mais difícil para as crianças lidarem com o desconhecido, tornando o processo de luto ainda mais complicado do que naturalmente já é, o que justifica a importância de pesquisa com tal intenção.

Além disso, tive algumas vivências em sala de aula com crianças que tiveram perdas recentes e a partir de então surgiu a curiosidade de compreender a forma como esse processo se dá, como a criança lida com seu luto, que forma isso se manifesta no seu dia a dia e pensar na sala de aula e o educador como agentes que também podem contribuir de alguma forma.

O objetivo dessa pesquisa é trazer essa temática para conversa, pensar nas crianças como indivíduos que merecem ser também colocados no centro de discussões e serem ouvidos. A partir dessa pesquisa, podemos compreender os sentimentos das crianças enlutadas e mostrar às famílias a necessidade do diálogo acerca dessas questões em casa e em sala de aula, além da possibilidade de fazer com que profissionais da educação compreendam como devem lidar com isso em sala, o processo pelo qual a criança passa e buscar maneiras de intervir com aqueles que estejam passando por este momento delicado.

Objetivo geral

- Compreender como se manifesta o luto na infância e promover um debate no que se refere a essa temática, trazendo como ponto a ser discutido a escola frente a crianças que vivenciam um processo de luto.

Objetivos específicos

- Compreender o impacto do luto na vida da criança;
- Analisar o papel desenvolvido pela escola e por professores no suporte ao estudante enlutado.

Metodologia

O presente trabalho é de enfoque qualitativo e utiliza a metodologia de pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002, p. 44),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Nesse entendimento, a pesquisa bibliográfica viabilizou um melhor caminho para abordar o tema e o objeto de estudo, dado as limitações de tempo e espaço para essa pesquisa. Segundo Reis (2018, p. 51), essa técnica auxilia o estudante a fazer uma revisão da literatura possibilitando conhecer e compreender melhor os elementos teóricos.

Partindo deste ponto, foi realizado um estudo de revisão da literatura de uma pequena parte das produções sobre a temática, por meio de uma busca de artigos científicos publicados em base de dados como SciELO, CAPES e Google Acadêmico. Foram utilizados os descritores “luto na infância” e “luto na infância na escola” com o intuito de tornar a busca mais assertiva. Foram levantados trabalhos de 2006 até 2021, sem considerar os que são estudos para trabalho final de curso,

dissertações e tese, uma vez que estes trabalhos são posteriormente publicados em periódicos como artigos.

Dessa forma, este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro há uma contextualizando sobre o tema com um recorte histórico no que concerne a morte ao longo dos séculos e dentro de diferentes culturas, como a criança se relaciona com este fenômeno, a conceitualização do luto na infância e o papel da escola frente a essa situação.

Já no segundo capítulo, são apresentadas as análises acadêmicas sobre o luto e a infância para que possamos conhecer o que se produz sobre o tema na pesquisa, dispostos por uma ordem crescente de publicação, ou seja, dos mais antigos para os mais recentes por categorias; além disso, no final do capítulo são dispostas algumas reflexões sobre. Por fim, no terceiro e último capítulo, é proposta uma discussão sobre a necessidade de falar sobre a morte no contexto educacional.

‘CAPÍTULO 1

A morte como fenômeno natural, um referencial teórico

No presente capítulo são considerados elementos voltados para a compreensão da morte em alguns aspectos, como as crianças se relacionam com o fenômeno, a perspectiva do luto na infância e o papel da escola frente ao fato, além de uma breve revisão da literatura sobre o assunto.

1. Recorte Histórico

Ao longo dos tempos e dentro de diferentes culturas, o significado da morte vem se modificando e trazendo consigo interpretações distintas. Segundo o historiador francês Philippe Ariès (2012), estas foram concepções coletivas que seguiram sutilmente se transformando ao longo dos séculos e que aos poucos foram dando um “sentido dramático e pessoal à familiaridade tradicional do homem com a morte” (ARIÈS, 2012, p. 49).

Ariès nos traz que durante a Idade Média a morte era marcada por uma cerimônia pública e organizada, onde parentes, amigos, vizinhos e crianças pudessem estar presentes no quarto do moribundo para sua cerimônia, entretanto não havia uma comoção excessiva ou dramática, a morte era sentida e aceita. Já no final da Idade Média, as cerimônias nos leitos de morte permaneceram em um primeiro momento, porém agora com uma dramaticidade maior, já que foi introduzida a ideia de que haveria um juízo final, onde as ações individuais de cada indivíduo determinariam o seu lugar pós-morte, o que se assemelha com algumas visões atuais acerca da morte.

Pode-se notar que a literatura medieval certamente influenciou muitas concepções e temores em relação à morte, como a “*Divina Comédia*” de Dante Alighieri. Obra do início do século XIV na qual Alighieri descreve as características do pós-morte cristão e seus ambientes, a saber: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso, influenciou a aquisição representações nefastas das pessoas sobre o destino da alma após a morte. A partir de então, o medo da morte ganha outros contornos e se torna assunto tabu.

Em um segundo momento, já nos séculos XV e XVI, é possível notar certa repulsa à morte física e a decomposição dos corpos, que traz um novo fenômeno: o sentimento de fracasso, vergonha, que de certa forma também se faz presente na nossa interpretação contemporânea. Esse período também foi marcado pelo início da utilização de sepulturas individuais. Já no século XIX, a morte se apresenta com uma ruptura e um certo romantismo, que traz à tona a lembrança e saudade do outro nas representações literárias e artísticas. Mas, outra obra lança uma contraposição à essa romantização. Para ficarmos nas perspectivas maléficas do pós-morte, Jacques Auguste Simon Collin de Plancy (1793-1887), publicou em 1818, sua obra *Dictionnaire Infernal*. Segundo Oliveira e Maia (2020, p. 61), Plancy nessa obra "apresenta vasta coletânea de demônios dos diversos povos e crenças, seus nomes e personalidades, apontando seus modos de ação e manifestação. A sexta edição da obra de 1868 traz uma novidade, ilustrações". Sem dúvida, dado o grau de descrições, o modo de ação, as tormentas provocadas às almas dos que morrem e as ilustrações, influenciaram no imaginário social, sobretudo o europeu, no século XIX.

A partir do século XX a morte passa a se configurar de uma maneira um pouco diferente. O conceito de morte invertida (ARIÈS, 2012) ganha destaque e nos traz uma sociedade que não quer ver a morte e nem ao menos os sinais de que ela ocorreu, afastando-a de todas as formas possíveis, a morte "boa" passa a ser aquela repentina (que era tão temida em séculos passados) e o luto passa a ser omitido, evitando demonstrar sinais de sua dor. Passou-se a não falar e nem sentir a morte, como algo a se envergonhar e com um achismo de que, de alguma forma, passará despercebida se a ignorarmos. Quanto a isso, Kovács (1992, p. 43) observa que "embora o homem seja o único ser consciente de sua mortalidade e finitude, a sociedade ocidental com toda a sua tecnologia está tornando o homem inconsciente e privado da sua própria morte".

Podemos notar que a atual representação social da morte foi um processo que se estendeu por séculos até termos o sentido que temos hoje; além de um processo historicamente transformado, há também outras questões que influenciam diretamente nosso conceito e vivência em uma situação de morte ou luto, como a cultura e religião. Apesar de ser um acontecimento comum a todos os seres humanos, a forma de enfrentar o processo de luto é individual.

Também é notório o silêncio que há em torno de debates sobre a morte, decidimos simplesmente não falar sobre até nos depararmos com a finitude de nossa

existência e ter que lidar frente a frente com ela e com todos outros sentimentos que chegam juntos a ela: dor, medo, angústia, impotência e incertezas. E se para um adulto esse acontecimento traz uma carga emocional muito difícil de lidar, para as crianças não seria diferente.

Nos séculos passados as crianças não apenas lidavam diretamente com a morte como também havia relatos de rituais fúnebres em diferentes culturas onde as crianças também faziam parte das cerimônias. Quanto a isso, Ariès nos traz que:

Era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levavam-se as crianças - não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças. E quando se pensa nos cuidados tomados hoje em dia para afastar as crianças das coisas da morte! (Ariès, 2012, p. 39).

1.1 A criança frente à morte

Diferente dos séculos anteriores, atualmente há uma ideia de que a criança não compreende a morte e por isso a poupamos de falar sobre o assunto, há uma falsa sensação de que o acesso a informações mais “mórbidas” a prejudicaria de alguma forma. Segundo pesquisa de Torres (1979), as crianças já trazem consigo representações sobre a morte de uma forma muito precoce, reforçando a necessidade de se abordar o tema. Isto chega até ela em situações cotidianas, onde apesar de não falarmos sobre, isso atravessa a criança de alguma forma. A morte se faz presente em brincadeiras, filmes, desenhos, vídeos na internet ou noticiário. Faz parte da nossa existência e está sempre próxima de alguma forma, seja por meio do fácil acesso à informação que temos à disposição (e que acaba nos bombardeando com situações relacionadas) ou pela perda de fato de alguém próximo.

Segundo Piaget, a etapa do desenvolvimento infantil no qual a criança se encontra é crucial para determinar a forma como ela compreende e lida com algumas questões mais abstratas para o seu nível de maturação, e, se tratando de um conceito complexo como a morte, podemos observar claramente a diferenciação dessa definição de acordo com a fase do desenvolvimento cognitivo. Ainda segundo estudos realizados por Torres (1979) utilizando a teoria piagetiana, foram identificado três níveis onde o conceito de morte está em evidência e surge com diferentes interpretações, que estão diretamente relacionadas com os estágios de desenvolvimento cognitivo da criança.

- Nível 1 – pré-operacional: as crianças ainda não percebem a morte como um processo irreversível, não é algo definitivo e as coisas ao seu redor podem voltar à vida. Ainda não há uma compreensão do que são seres animados e inanimados, então o conceito de morte abrange também o que não há vida;
- Nível 2 – operações concretas: nesta fase, já há um avanço na ideia do que seriam os seres animados e inanimados, entendem a morte como um processo irreversível e conseguem distinguir a vida e a morte, apesar de ainda não alcançar uma explicação biológica para esta. É neste período que as estruturas cognitivas mais importantes surgem;
- Nível 3 – operações formais: é nesta etapa onde as crianças já conseguem distinguir seres animados e inanimados, percebem a morte como algo que atinge todos os seres vivos, dão explicações biologicamente essenciais e a compreendem como um processo natural.

Ainda assim, as crianças que realizaram a pesquisa não alcançaram o nível mais alto de desenvolvimento do conceito de morte, nos dando a entender que a maturidade intelectual no que se refere a este conceito só estará bem desenvolvida em etapas posteriores, de maneira mais tardia.

Existem maneiras distintas de compreender a morte, seja como uma perda, uma ruptura, uma desintegração, ou até mesmo como um encanto, uma viagem e um alívio ou descanso (KOVÁCS, 1992); isso está ligado diretamente à relação que a criança tinha com o falecido, as circunstâncias da morte, ao período do desenvolvimento cognitivo e emocional que ela se encontra, a maneira como ela foi comunicada e a forma como aqueles que estão ao seu redor lidam com essa questão (FRANCO; MAZORRA, 2007).

Aberastury (1978, apud KOVÁCS, 1992) nos mostra que a criança consegue perceber a morte de algum ente querido mesmo quando a família opta pela omissão do fato. Em sua pesquisa com crianças enlutadas durante o acompanhamento psicológico, percebeu-se que estas tinham conhecimento do que havia acontecido com informações bem completas, que incluía citar até mesmo quando ocorreu o fato. Ocultar essas situações e evitar uma conversa aberta sobre a morte apenas atrapalha o processo de luto, o que deixa a criança confusa e desamparada.

Corroborando com essa ideia, Mutarelli e Silva (2019) indicam que crianças pequenas, já aos três anos, possuem a ideia de morte e são bastante atentas à presença e à ausência de seus pais ou responsáveis que os substituam, estando intimamente atentas à movimentação afetiva do ambiente familiar imediato. Vinculam-se e envolvem-se a seu modo com a dor dos pais, possivelmente de forma mais aguda do que sua própria dor, porém sem a completa compreensão de aspectos como a passagem do tempo, as causas e consequências, bem como, as sequelas.

1.2 Conceituação do luto na infância

Nossa existência, desde a mais tenra idade, é marcada por vários processos de luto que fazem parte do desenvolvimento de todo ser humano. Este se faz presente na separação da figura materna nos primeiros meses de vida, na passagem da infância para a adolescência (onde é necessário se desfazer de hábitos e pensamentos infantis e há um afastamento do corpo infantil), na perda de um objeto e também na morte de um ente querido.

[...] a qualquer perda significativa, de uma pessoa ou até de um objeto estimado, desenrola-se um processo necessário e fundamental para que o vazio deixado, com o tempo, possa voltar a ser preenchido. Esse processo é denominado de luto e consiste numa adaptação à perda, envolvendo uma série de tarefas ou fases para que tal aconteça. (MELO, 2004, p.4)

Bowlby (1970; 1997, apud ANTON; FAVERO, 2011) expõe quatro fases do luto que se diferenciam quanto a intensidade e duração de pessoa para pessoa, mas que ainda assim seguem um certo padrão. A primeira fase, denominada torpor ou aturdimento, tem a duração de algumas horas ou até semanas, é comum a manifestação de raiva ou desespero. Já a segunda, saudade e busca da pessoa perdida, retrata a busca e recuperação do ente querido, sendo possível a manifestação de raiva; sua duração pode estender-se por anos ou meses. Com a terceira fase, desorganização e desespero, vem à tona uma profunda tristeza, o choro, a raiva e a acusação à pessoas próximas também se faz presente; nesta fase é possível compreender o caráter definitivo da perda. A quarta fase, de organização, se mostra com uma aceitação da perda e a necessidade de seguir em frente. Nas crianças, esses aspectos podem ser bastante relativos e está diretamente correlacionado a fase do desenvolvimento cognitivo que esta se encontra.

De acordo com Freud (1915, 1917, 1996 apud FRANCO e MAZORRA, 2007) o luto diz respeito ao trabalho do ego para se adaptar à perda do objeto. Durante esse processo, ressignificamos aquilo que foi perdido sem que haja um desligamento total desse objeto. Também neste sentido, Raimbault (1979, apud KOVÁCS, 1992) relata que, para que o processo de luto ocorra, é fundamental um trabalho de desidentificação e desinvestimento de energia, internalizando a perda na forma de lembranças, palavras e atos. Quando isso não ocorre, é comum que haja um sentimento de angústia ou culpa por parte das crianças, gerando a manifestação de sintomas como perturbações fisiológicas, dificuldades de alimentação e sono, distúrbios nos relacionamentos sociais e, em alguns casos, até mesmo a manifestação de dor física na criança.

Em função de sua maior dificuldade cognitiva e emocional para significar a perda, a elaboração do luto vivido pela criança é processada ao longo da estruturação psíquica, em distintos momentos de sua vida, à medida que ela vai podendo significar o que viveu. O luto pode ser reativado, também, ao longo da vida, ao encontrar ressonância com conflitos do futuro desenvolvimento. Isso não compreenderia patologia, um luto adiado, mas sim sua elaboração, já que nenhum trauma na infância pode ser resolvido até que a criança cresça (FRANCO; MAZORRA, p. 505).

É necessário ressaltar que o luto não é linear e não se pode dar como acabado a partir de um determinado momento, não há um tempo estimado para o seu fim (e, em alguns casos, nem se realmente terá fim em algum momento) ele pode se fazer presente em momentos de lembranças, em datas comemorativas, aniversários e conversas, onde é possível transitar de uma fase do luto para outra.

1.3 A escola e seu papel na intervenção com crianças enlutadas

O luto atravessa a criança de diferentes formas e, de uma maneira ou de outra, essas questões também chegam ao contexto escolar de maneira explícita. A escola como uma instituição social diversa, que busca uma formação integral dos seus estudantes, carece de discussões acerca da morte.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem objetivos que “se definem em termos de capacidades de ordem cognitiva, física, afetiva, de relação interpessoal e inserção social, ética e estética, tendo em vista uma formação ampla” (p. 44). Neste sentido, percebe-se a necessidade de trabalhar temáticas que trazem consigo a preocupação com valores humanos “que transcendem o ensino tecnicista e

conteudístico da escola, [e que] pode ensejar a inserção de temáticas mais existenciais” (SANTOS; INCONTRI, 2011).

McGovern & Barry (2000, apud KOVÁCS, 2012) puderam experienciar em suas pesquisas o desconforto dos adultos ao trabalhar a morte com as crianças, que envolveu pais e professores de crianças de 5 a 12 anos, com 119 pais e 142 professores na Irlanda. Foi uma pauta comum nos discursos dos docentes que este era o papel da família e que este trabalho em sala de aula poderia provocar possíveis conflitos.

Sabemos que a escola não substitui o papel da família, todavia, o trabalho em conjunto destes é de suma importância para a compreensão do luto e precisam ser espaços que estejam inteiramente abertos ao diálogo, que falem sobre a morte não apenas depois da perda de alguém.

A escola é local por excelência de socialização para crianças, por isso deveria oferecer suporte a alunos que vivem processos de perda e morte. O acolhimento é essencial para ajudar a significar perdas, promovendo prevenção de sofrimento, em parceria com os pais (KOVÁCS, 2012, p. 79).

É clara a influência que o luto das crianças exerce nas questões escolares, que se fazem presentes em problemas de comportamento, dificuldade nas relações sociais, queda de rendimento, dificuldade de concentração, além de manifestações físicas, na saúde da criança, que pode comprometer diretamente o seu rendimento escolar. Ainda assim, há um certo receio de se trabalhar a morte em sala de aula por se tratar de um tema delicado, porém é algo necessário para o melhor desenvolvimento do educando. É importante que a escola seja um ambiente acolhedor, que compreenda os sentimentos de crianças enlutadas com afeto e uma escuta sensível, que propicie o enfrentamento do processo do luto.

Kovács (2003; 2012) apresenta uma educação para a morte nas escolas, propondo discussão de casos de alunos vivendo situações de luto; criação de espaços para sensibilização, escuta, acolhimento, reflexão, esclarecimento e expressão de sentimentos; encaminhamento a profissionais especializados e produção de material didático sobre a morte. Além disso, a utilização da literatura infantil se mostra uma excelente ferramenta de abordagem do tema na educação infantil que ainda não é comumente utilizada.

Ainda neste sentido, Santos e Incontri (2011) também propõe uma educação para a morte, onde:

[...] atividades educacionais e experiências relacionadas à morte e abrange temas fundamentais, como os significados e atitudes em relação à morte, aprendizado sobre emoções e sentimentos, questões existenciais e espirituais, os processos de morte e luto, e cuidados para as pessoas afetadas pela morte. A educação para a morte é baseada na crença de que as atitudes e práticas de negar, desafiar, e evitar a morte, vistas na cultura brasileira, podem ser transformadas, e assume que os indivíduos e instituições serão mais capazes de lidar com as práticas relacionadas com a morte como resultado de esforços educacionais (SANTOS; INCONTRI, 2011, p.79).

1.4 À guisa de uma revisão da literatura

Com intuito de conhecer o que se produz sobre o tema na pesquisa acadêmica, por meio dos termos indutores “luto na infância” e “luto na infância na escola” foi realizado um levantamento de publicações em periódico a partir de base de dados dos Periódicos da CAPES e do Google Acadêmico sobre a temática do luto infantil. Foram levantados trabalhos de 2006 até 2021, sem considerar os que são estudos para trabalho final de curso, dissertações e tese, uma vez que estes trabalhos são posteriormente publicados em periódicos como artigos. Essa etapa da pesquisa não teve a pretensão de ser exaustiva sobre a temática como em um estudo de estado da arte da área, mas, tão somente, identificar os caminhos de pesquisa na área, ainda que superficial, dado o propósito dessa pesquisa. Dessa forma, os trabalhos considerados foram apenas os que de alguma forma tratam do luto na infância e diante dos trabalhos identificados com a busca nessa pesquisa, foi possível constituir duas categorias em que os trabalhos podem ser demarcados: (1) Trabalhos da clínica psiquiátrica e da psicoterapia sobre luto e infância e (2) Trabalhos sobre luto e infância na escola básica. Abaixo estão identificados nos quadro 1 e 2, para as respectivas categorias citadas acima, um pequeno recorte desses trabalhos.

Quadro 1. Trabalhos da clínica psiquiátrica e da psicoterapia sobre luto e infância

Ano	Autor	Título	Periódico
2015	Marilise Vanusa Rocha; Jorgiana Baú Mena Barreto	A Ludoterapia no processo do luto infantil: um estudo de caso.	Rev. Pesquisa em Psicologia - anais eletrônicos, [S. l.], 2015.

2011	Márcia Camaratta Anton; Eveline Favero	Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos Brasileiros.	Interação Psicol., 15(1), pp. 101-110, 2011.
2007	Maria Helena Pereira Franco; Luciana Mazorra	Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor.	Estud. psicol. (Campinas) 24, (4), Dez, 2007.
2006	Leônia Cavalcante Teixeira	Morte, luto e organização familiar: à escuta da criança na clínica psicanalítica.	Psicol. clin., Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 63-76, 2006.

Fonte: Elaboração da autora a partir de busca em bases de dados

Quadro 2. Trabalhos sobre luto e infância na escola básica

Ano	Autor	Título	Periódico
2021	Caroline Luana Michel; Mídia Schmit; Thaís Blankenheim	Luto infantil no contexto de pandemia: uma intervenção psicoeducativa para profissionais da educação.	Boletim Entre SIS, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 112-121, dez. 2021.
2021	Suelen Dayanne Limberger de Oliveira; Fábio da Silva Rodrigues	Luto infantil: como a escola lida com essa situação?	Anais do Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), v. 5, n. 1, 9 out. 2021.
2019	Solange Franci Raimundo Yaegashi; Edivana Gomes Severino Antunes; Aliandra Cristina Mesomo Lira	As representações sociais de profissionais da educação sobre luto infantil e dificuldade de aprendizagem.	Notandum, n. 50, p. 103-123, 30 abr. 2019.
2011	Patrícia Regina Moreira Marques; Zeila de Brito Fabri Demartini	Luto na escola: um cuidado necessário.	Rev. Pedagógica, v. 13 n. 26: jan./jun. 2011.

Fonte: Elaboração da autora a partir de busca em bases de dados

Salienta-se que os trabalhos acadêmicos listados nos quadros acima representam uma pequena parte da produção acadêmica sobre o assunto, mas, que dada as limitações do tempo e do espaço para essa pesquisa, se limitaram aos aspectos mais pertinentes ao propósito da investigação. No capítulo 2 a seguir serão tratados esses achados com algumas reflexões.

CAPÍTULO 2

Análises da produção acadêmica sobre luto e infância

Nesse capítulo são apresentadas as abordagens dos trabalhos presentes nos quadros 1 e 2 do capítulo 1. A apresentação dos mesmos e algumas reflexões sobre, são dispostas por ordem crescente de antiguidade, ou seja, dos mais antigos para os mais recentes e por categorias.

Dessa forma, com relação à categoria 1, “Trabalhos da clínica psiquiátrica e da psicoterapia sobre luto e infância”, Teixeira (2006), por meio de um caso clínico focaliza as experiências do luto e seus destinos na malha familiar, percebendo a articulação dos sinais que a criança pequena apresenta, por meio de uma rede simbólica que proporciona deslocamentos das manifestações psicossomáticas para alternativas de reconstituição subjetiva. Diante disso a autora aponta que há muito para ser feito numa análise no campo da prevenção, no qual as intervenções precoces já constituem tratamento propriamente dito.

A investigação focaliza manifestação psicossomática de asma em criança provocada por sofrimento em função da morte da avó materna e pela demonstração da amargura da sua mãe. O trabalho consiste em uma abordagem de acompanhamento e tratamento psiquiátrico com vistas a tratar a asma manifestada pela criança diante do sofrimento pelo luto, portanto, embora o trabalho aponte para aprofundamento de estudos nessa área, é inequívoco a percepção das crianças frente a morte com consequências para a própria saúde.

Outro trabalho voltado para a clínica psiquiátrica é o de Franco e Mazorra (2007). Por meio de estudo clínico investigam fantasias de crianças enlutadas pela morte de um ou ambos os pais e sua relação com o processo de elaboração de luto, indicadas para atendimento psicoterápico em uma clínica-escola. Por meio de metodologia própria, as autoras identificaram fantasias de aniquilamento, culpa, castração, onipotência, rejeição, identificação, retaliação, idealização e desidealização de objeto perdido, agressividade, negação da perda, regressão, reparação, repetição da situação de perda. Apontam ainda para a ocorrência de sentimentos, comportamento e sintomas por meio dos quais as fantasias foram expressas. Concluem que as fantasias refletem o processo de luto e seu conhecimento proporciona a compreensão de seus sentimentos, comportamento e sintomas, associados a processos elaborativos de luto.

Estudos como o de Franco e Mazorra (2007), demonstram caminhos investigativos voltados para a psiquiatria infantil com vistas a acompanhamentos e psicoterapias que auxiliem na superação do luto por crianças.

Ainda no âmbito da psicoterapia, chama atenção a pesquisa de revisão da literatura de Anton e Favero (2011) de pesquisas sobre luto infantil decorrente da morte repentina de genitores, publicadas em periódicos brasileiros em quinze anos. Nas bases de dados buscadas foram identificados 11 trabalhos. Pelas análises dos artigos as autoras apontam a relevância da comunicação aberta com a criança e a criação de um espaço de escuta e expressão dos sentimentos além da importância do atendimento psicoterapêutico à criança e também aos cuidadores com o intuito de auxiliar a ambos no processo de elaboração da perda.

Pelos achados de Anton e Favero (2011) é inegável a importância da temática, sobretudo para a psicoterapia, uma vez que são frequentes os problemas advindos da condição de luto por crianças e a necessidade do amparo clínico.

Rocha e Baú Mena Barreto (2015), por meio de estudo de caso em psicoterapia procuram compreender como a criança reage à situações de luto e como isso influencia em seu processo de relacionamento. Foi feita uma abordagem ludoterápica que possibilitou ao indivíduo se expressar sobre o assunto com maior facilidade, concluindo que essa abordagem auxilia de forma simbólica a expressão de conflitos e dificuldades sobre o assunto.

Já na categoria 2, “Trabalhos sobre luto e infância na escola básica” em pesquisas voltadas para luto e escola, Marques e Demartini (2011) investigam a presença e o processo de morte nas escolas e como professores, coordenadores e diretores apoiam estudantes enlutados. Entendem as autoras que por sua relevância o tema seja considerado na educação escolar. Usaram abordagem qualitativa, com instrumentos de pesquisa como entrevistas a profissionais da educação em duas escolas da Grande São Paulo. Entre suas conclusões as autoras apontam alguns profissionais que vivenciam ou vivenciaram a dor pela perda por morte têm dificuldades em lidar com o tema na escola por não saberem enfrentar essa situação e que há falta de apoio da escola e de preparo dos profissionais ao lidar com o luto no espaço escolar.

O recorte de pesquisa de Marques e Demartini (2011) é o processo de luto na escola quando falece estudante. Ou seja, como os próprios colegas e a comunidade escolar lidam com essas perdas e com o luto.

Em artigo mais recente sobre estudo de representação social, Yaegashi, Antunes e Lira (2019) analisam a percepção de profissionais da educação sobre o luto infantil e sua relação com dificuldades de aprendizagem de crianças no ensino fundamental. Por meio de questionário e entrevista semiestruturada as autoras evidenciam que a maioria dos participantes da pesquisa concorda que o luto infantil pode impactar a aprendizagem e que as crianças enlutadas apresentam alterações de humor, como tristeza, apatia, choro e baixa autoestima, e de comportamento, como agressividade, retraimento e isolamento social. Concluem, por fim, que, embora as situações de morte e de luto sejam recorrentes no ambiente escolar, falta aos professores e aos gestores, formação específica para lidar com essa problemática.

Pelo estudo de representação social de Yaegashi, Antunes e Lira (2019), mais uma vez é perceptível a falta de preparo dos profissionais da educação para lidarem com o tema, sobretudo no universo infantil da educação básica, apontando a importância do tema e a urgência de seu enfrentamento. Não obstante a existência de inúmeros estudos da clínica psiquiátrica, como caminhos da psicoterapia para a ação no acompanhamento e tratamento de crianças enlutadas, parece existir um abismo entre o que se tem em como lidar com a situação do ponto de vista psicológico e o que acontece de fato nas escolas nas quais grande contingente de professores se acha despreparado para lidar com a situação.

Ainda com relação a pesquisas sobre luto e ambiente escolar, Limberger de Oliveira e Rodrigues (2021), em sua pesquisa problematizam o papel da escola no que diz respeito às situações de luto na infância ao analisar a qualificação e as práticas realizadas pelos profissionais da educação no espaço escolar. Entre seus resultados indicam que crianças possivelmente tenham seu rendimento escolar prejudicado diante do silêncio em torno da morte e das reações apresentadas durante o luto. Concluem os autores que, ainda que a temática seja frequente na escola, professores carecem de formação para abordá-la com a intenção de apoiar as crianças enlutadas, ficando a família como única responsável por esse apoio.

O trabalho de Michel, Schmit e Blankenheim (2021), apesar de está inscrito na categoria 2 em função da inserção no universo escolar, representa uma síntese em que a clínica psicoterápica vai à escola oferecer subsídios para o enfrentamento do luto no ambiente escolar. As autoras, diante do contexto da pandemia de Covid-19 buscam auxiliar e capacitar profissionais da educação a enfrentar a problemática do luto na sala de aula. As participantes de encontros realizados para esse fim se

mostraram receptivas e colaborativas diante de temas árduos como abordar o luto e suas fases para trabalhar com crianças. Como conclusão, as autoras apontam que a "intervenção por meio de grupos psicoeducativos na modalidade online é uma ferramenta que possibilita o compartilhamento de informações, a possibilidade de questionamentos e reflexões das experiências, a definição de estratégias de enfrentamento e ferramenta para compor um novo cenário à realidade apresentada" (MICHEL; SCHMIT; BLANKENHEIM, 2021, p. 112).

Apesar da limitação do levantamento realizado, é possível estabelecer alguns achados. Primeiro é que já há encaminhamentos da pesquisa clínica e da psicoterapia para lidar com o luto infantil, mas, aquelas pesquisas sobre a temática no âmbito da escola são quase unânimes em identificar que a escola, por seus profissionais, não está preparada para lidar com o luto de crianças. Possivelmente isso ainda represente um assunto tabu que, em função das circunstâncias de sofrimento e dor que representam, o caminho mais fácil é omitir qualquer discussão a respeito. A criança enlutada, ao menos no espaço escolar, deve apenas ser tratada de modo a desfocar do sofrimento que vivencia, pois, caberia à família lidar com a situação em seu espaço doméstico.

Quando o processo de luto é coletivo em função do falecimento de um estudante ou de professor, provavelmente a situação representa um sentimento compartilhado por todos e forçosamente professores lidam de modo sofrível na conciliação entre seu componente curricular e como tratar do assunto penoso da morte de algum membro da comunidade escolar. Essas situações, apesar de não corriqueiras, elas ocorrem e no espaço escolar, dificilmente se encontra profissionais preparados para encaminhar de modo adequado.

Com efeito, como apontado no trabalho de Michel, Schmit e Blankenheim (2021), há a necessidade de se conjugar a ação da psicoterapia na escola para os encaminhamentos adequados, pois, a omissão ou o ocultamento sobre o luto vivido por uma criança ou mesmo o coletivo, não representa uma alternativa para o confronto com essas situações.

CAPÍTULO 3

Consolidação da pesquisa: uma discussão acerca da necessidade de falar sobre a morte no contexto educacional

Podemos inferir que para prestar um suporte realmente eficaz à criança que está vivenciando um processo de luto, é importante um trabalho em conjunto entre a família, acompanhamento psicoterapêutico e a escola/professores. Entretanto, apesar de casos de perdas ocorrerem com frequência, há pouco espaço para acolher os sentimentos das crianças enlutadas no ambiente escolar.

A instituição escolar, sendo um dos principais ambientes responsáveis pela socialização, possui a função de educar para a vida, operando como um mediador de informações sobre a realidade. E é neste sentido que se dá a importância de uma comunicação aberta com as crianças e um espaço de escuta ativa, afinal, “à medida que se oportuniza falar sobre a perda de um ente querido, a criança passa a compreender melhor sobre sua falta e, conseqüentemente, sobre os sentimentos que envolvem o luto” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2021, p.7).

Por intermédio da revisão bibliográfica feita até aqui, percebe-se a necessidade de uma “educação para a morte” (KOVÁCS, 2003; 2012) nas escolas. Por conta de questões culturais e o achismo de que este é um assunto em que apenas a família deve lidar, ainda existe um tabu que nos impede de trazer essa temática para as salas de aula e que fomenta a carência de discussões acadêmicas sobre.

Ao tecer sobre a educação para a morte, Kovács (2003) nos traz que não existe uma receita pronta, mas parte de uma visão de educação como processo de desenvolvimento pessoal do educando, ressaltando a necessidade de buscar momentos de reflexão e conversa sobre a morte. Para Rodriguez (2003, p. 73), “a educação para a morte, pautada nos princípios da aprendizagem significativa, visa à possibilidade de mudança e abre novos horizontes no campo da educação”.

São essas situações possibilitadas pelo professor que permite um entendimento sobre o ciclo da vida e sobre nossa finitude, e que pode ajudar a criança a lidar muito melhor com o processo do luto quando esses assuntos já foram abordados anteriormente, de maneira precoce, partindo de uma didática leve e contextualizada, dialogando diretamente com o entendimento do educando acerca do tema de acordo com sua fase do desenvolvimento.

Segundo Sukiennik (2000, apud KOVÁCS, 2012), as maiores dificuldades relatadas por educadores no enfrentamento da morte no contexto escolar diz respeito à resistência dos profissionais, a falta de preparo, necessidade de reforma curricular para evitar sobrecarga de trabalho, estabelecer parcerias com o meio acadêmico e limites pessoais.

Diante disso, o que chega até nós de maneira emergencial é pensar como devemos oferecer subsídios aos docentes para que possam abordar essas questões questão na escola.

Um ponto muito importante a ser levantado nessa discussão é a formação inicial dos educadores. Durante os quatro anos de graduação na Universidade de Brasília, eu, futura professora, que em meu pouco contato com uma sala de aula já tive educandos que estavam vivenciando um processo de luto e que, possivelmente, irei me deparar com outros casos de crianças enlutadas em algum momento, não tive sequer uma disciplina que tenha um enfoque na percepção da morte para as crianças e/ou sobre o luto infantil. Esta temática não foi ao menos citada em algum momento em outras disciplinas.

Dessa forma, emerge a necessidade de formarmos uma comunidade escolar que esteja pronta para essa realidade, que esteja aberta a dialogar com as crianças sobre a morte não somente quando elas tiverem contato direto com essa experiência; que compreendam o que permeia a percepção de morte e luto infantil e que tenham sensibilidade e empatia em relação ao sentimento do estudante enlutado.

Também se mostra necessário uma formação continuada de professores que levante este assunto como pauta e o traga para o dia a dia da dinâmica escolar por meio de projetos e propostas pedagógicas que coloquem as crianças no centro de discussões, trazendo à tona suas perspectivas e anseios a partir de uma escuta ativa do educador.

Como se viu acima, a psicoterapia apresenta estudos e preocupações com o luto infantil. Desse modo, é necessário que se estabeleça um diálogo entre família, profissionais da psicoterapia e todos os atores da escola para que o conhecimento produzido nessas áreas sirva para embasar ações que podem ser tomadas no espaço escolar, bem antes que ocorrência de morte naquela comunidade aconteça e surpreenda a todos, que por desconhecimento sobre como agir frente a um assunto tabu como a morte, gere atordoamento, inércia e até negação por omissão no agir.

Movida que fui inicialmente pelo impacto do diálogo que tive no espaço escolar com uma criança enlutada e a reação de sofrimento que experienciei por meu choro, deu-me a energia necessária para buscar, pela pesquisa, o entendimento do que fazer diante dessas situações de morte e de luto envolvendo a infância. Pelos achados e pelo que clarificou-se em minha percepção posso afirmar sem sombra de dúvida que a questão principal do problema de pesquisa, ligada aos objetivos pretendidos, foi respondida e por conseguinte os objetivos foram alcançados. Assim, a manifestação do luto na infância é diversificada e pode influenciar na aprendizagem e no comportamento das crianças e muitas vezes, o encaminhamento que se deve dar passa pelo tratamento psicoterápico, pelo acolhimento sincero e pelo diálogo aberto e claro, elementos fundamentais para a boa condução das situações de morte e luto na escola.

O estudo bibliográfico empreendido, ainda que limitado a um pequeno número de publicações, desempenhou importante papel, uma vez que tornou o que era incógnita a princípio, em entendimento do fenômeno investigado, indicando o caminho necessário para a ação. As conclusões presentes nos trabalhos da revisão da literatura evidenciam a importância de uma pesquisa já realizada para a formação do corpo de entendimento que permite a ampliação da pesquisa para outro patamar no futuro, como a busca desse entendimento em um trabalho de campo em escolas em que professores e outros atores possam apresentar suas percepções sobre esse tema sensível.

Considerações Finais

Diante do exposto, fica evidente que a morte é sentida pelas crianças mesmo quando não falamos sobre ela de maneira direta. É na casa silenciosa, no lugar vago à mesa na hora das refeições, nas datas comemorativas que não fazem mais sentido ou na música que cantavam juntos e hoje só resta a lembrança. É observando a forma de agir das pessoas mais próximas, no seu silêncio, sua tristeza e nos outros detalhes que agora estão diferentes. A morte é sentida. E, diferente do que se imagina, falar sobre o tema não transformará a dor em algo ainda maior, mas fará com que a criança entenda seu sentimento e lide melhor com as fases de seu luto.

Neste sentido, é importante refletirmos sobre a necessidade de uma estratégia para o enfrentamento do luto na infância nas escolas. Para isso, é necessário que os educadores possam contar com uma formação inicial e continuada que os direcionem a um maior conhecimento sobre o tema que os permitam compreender o processo de luto da criança, seus sentimentos e formas de fazê-la sentir acolhida e amparada em um momento tão delicado.

Além disso, os desenvolvimentos teóricos na área são de grande importância para nos trazer um amparo metodológico no que diz respeito à abordagem da morte e do luto nas escolas.

Referências

ANTON, M.C.; FAVERO, E. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos Brasileiros. *Interação Psicol.*, 15(1), pp. 101-110, 2011.

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente - Da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2012.

BAÚ MENA BARRETO, J.; ROCHA, M. V. A Ludoterapia no processo do luto infantil: um estudo de caso. *Rev. Pesquisa em Psicologia - anais eletrônicos*, [S. l.], 2015.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 9 de abril de 2022.

FRANCO, M.H.P.; MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estud. psicol. (Campinas)* 24, (4), Dez, 2007.

GIL, A.C. *Como elaborar projeto de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

KOVÁCS, Maria Julia. A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores. In: *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade*[S.l: s.n.], 2010.

_____. *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

_____. Educadores e a morte. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 71-81. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/gvYZXXFXmV89Jq66KmvcWJf/?format=pdf&lang=pt>>.

_____. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746705/mod_resource/content/3/KOV%C3%81CS%2C%20M.%20J.%20-%20Morte%20e%20Desenvolvimento%20Humano.pdf>.

LIMBERGER DE OLIVEIRA, S. D.; RODRIGUES, F. DA S. LUTO INFANTIL: como a escola lida com essa situação? *Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)*, v. 5, n. 1, 9 out. 2021.

LIMA, Vanessa Rodrigues de; Kovács, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicologia: Ciência e Profissão*

[online]. 2011, v. 31, n. 2 [Acessado 1 Fevereiro 2022] , pp. 390-405. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200014>>. Epub 04 Ago 2011. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200014>.

MARQUES, P.R.M.; DEMARTINI, Z.B.F. Luto na escola: um cuidado necessário. Revista Pedagógica - UNOCHAPECÓ - Ano 14 - n. 26 vol.01 - jan/jun 2011.

MELO, A. R. P. P. Processo de Luto: o inevitável percurso face a inevitabilidade da morte. Integra Psicoterapia. Disponível em: <<http://www.integra.pt/textos/luto.pdf>>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2022.

MICHEL, C.L.; SCHMIT, M.; BLANKENHEIM, T. Luto infantil no contexto de pandemia: uma intervenção psicoeducativa para profissionais da educação. Boletim Entre SIS, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 112-121, dez. 2021.

MUTARELLI, A.; SILVA, G.F.D. Luto em pediatria: reflexões da equipe multidisciplinar do Hospital Infantil de Sabará. Barueri: Editora Manole, 2019.

PLANCY, J.A.S.C. Dictionnaire infernal: répertoire universal. Paris: Henri Pilon, Imprimeur-Éditeur, 1868.

OLIVEIRA, U.A.S.M.; MAIA, H.J.S. Sataniel, uma personificação demoníaca na Mágica A Loteria do Diabo. Rev. Todas as Musas, Ano 11, nº 02, Jan-Jun, 2020.

REIS, Linda. Produção de monografia, da teoria à prática. Brasília: SENAC-DF, 2008.

SUASSUNA, Ariano. O Auto da Compadecida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

RODRIGUEZ, C. F. (2010). Falando de morte na escola: O que os educadores têm a dizer. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. As leis, a educação e a morte - uma proposta pedagógica de tanatologia no Brasil. International Studies on Law and Education. 2011 CEMOrOC-Feusp/IJI-Univ. do Porto. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle9/73-82Dora.pdf>>. Acesso em: 9 de abril de 2022.

TEIXEIRA, L.C. Morte, luto e organização familiar: à escuta da criança na clínica psicanalítica. Psicol. clin., Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 63-76, 2006.

TORRES, Wilma. O conceito de morte na criança. Arquivos brasileiros de Psicologia, v. 31 (4), 1979. Disponível em: >
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18239/16986><.

YAEGASHI, S. F. R.; ANTUNES, E. G. S.; LIRA, A. C. M. As representações sociais de profissionais da educação sobre luto infantil e dificuldade de aprendizagem. Notandum, n. 50, p. 103-123, 30 abr. 2019.